

**Educação Sob uma mangueira ou numa varanda, o importante é ensinar**

## Escolas populares são resposta à crise do ensino público na Guiné-Bissau

Em 1995, quando tudo começou, havia apenas uma escola popular com 11 alunos. Hoje, alguns dos mais de 360 estabelecimentos entretanto surgidos já estão oficializados pelo Governo

Ana Dias Cordeiro

● A primeira escola popular do Bairro de Quelele, em Bissau, nasceu em 1995, de improviso numa varanda. Aruna Embaló tinha 19 anos e dava explicações aos irmãos mais novos, depois às crianças mais próximas ou aos vizinhos. Juntaram-se outras crianças e as aulas passaram para um quarto grande de uma casa. Hoje a escola Aruna Embaló - assim passou a chamar-se - é uma das 360 escolas populares no país, que surgiram com o apoio de organizações não-governamentais, para responder às falhas do ensino público.

“Essas escolas são populares porque podem funcionar debaixo das mangueiras, nas varandas, ao ar livre. O essencial é que os meninos aprendam”, diz Aruna Embaló, numa entrevista em Lisboa em que conta como a sua escola nunca parou de crescer. Mesmo durante a guerra de 1998 e 1999 e depois nos anos confusos da Presidência de Kumba Ialá, quando as escolas públicas pouco funcionavam, por falta de professores que estavam meses à espera de um salário. Pelo menos uma vez, para milhares de crianças, o ano escolar foi declarado nulo.

Talvez por isso, Aruna, hoje com 31 anos, insiste sobre a escola a que deu o seu nome: “Aqui não há greves, abrimos na hora. Os professores são pagos a tempo. Conseguimos dar o programa nacional quase completo. E os alunos saem com aproveitamento”. Começou por ser apenas escola primária. Hoje as aulas cobrem todo o ensino primário e secundário. “Pouco a pouco, as pessoas acreditaram e hoje a escola, oficializada



Em 2004, apenas 45 por cento das crianças estavam na escola primária

escolas populares se substituem, sem financiamento do Governo, ao ensino público, em falência. Muitas já foram oficializadas pelo executivo.

Segundo um estudo recente da UNICEF, mais de metade das crianças com idade para frequentar a primária, estavam nestas escolas. A grande maioria passou de ano, reflectindo

uma melhoria relativamente à taxa de sucesso registada nos estabelecimentos estatais.

Em 1995, quando tudo começou, havia uma escola com 11 alunos no Bairro de Quelele. Dez anos depois o bairro tinha 16 escolas, que juntavam 3500 alunos. Rapidamente passaram a ser um poderoso instrumento para

combater o analfabetismo que afecta a maioria da população (63 por cento), e sobretudo as mulheres. Segundo estimativas da UNESCO, em 2004, em 100 crianças só 45 frequentavam a escola primária. No secundário, esse indicador era muito mais baixo.

Aruna Embaló não hesita em sublinhar o impacto negativo na educação

daquele que é, para ela, o principal problema da Guiné-Bissau: “O narcotráfico [o país é uma porta de entrada da América Latina para a Europa]. Leva as pessoas a desvalorizar o trabalho e os estudos. E está a afectar mais os jovens que sofrem já da falta de emprego. É uma coisa que nunca aconteceu na Guiné-Bissau”.



O sistema educativo entrou em crise na guerra de 1998 e 1999 e durante os anos da presidência de Kumba Ialá

pelo Ministério da Educação, tem mais de 700 alunos, 40 professores e sete salas”, explica Aruna Embaló, em Lisboa para o lançamento de *Notícias do Quelele, Bairro de Bissau*, com textos e desenhos dos alunos de duas escolas populares do Bairro de Quelele (ver texto ao lado), um bairro de 15 mil pessoas, na periferia de Bissau, onde nenhuma etnia predomina e todas convivem em “equilíbrio”, descreve Aruna; “exemplar” também pela dedicação com que os seus residentes se envolvem na comunidade e no funcionamento das escolas populares.

Os alunos pagam propinas, um “montante simbólico” consoante as possibilidades dos pais, que ajudam a pagar os salários dos professores entre 25 mil (38 euros) e 35 mil francos CFA (54 euros) por mês. E assim as

### Notícias do Quelele, Bairro de Bissau

## Histórias do dia-a-dia em várias línguas

● Escrito e desenhado por alunos de duas escolas populares de Bissau, o livro *Notícias do Quelele, Bairro de Bissau* resultou de uma ideia do ilustrador Alain Corbel, que realizou *ateliers* de ilustração nas escolas Aruna Embaló e Penha-Bôr. “Numa pesquisa que fiz de livros sobre os países africanos de língua portuguesa, descobri que África aparece sempre como pano de fundo e não com histórias do quotidiano. Eu tinha interesse em fazer um livro com histórias do dia-a-dia das pessoas”, disse Alain Corbel ao PÚBLICO. Conseguiu.

O livro recria situações comuns das crianças que habitam naquele espa-

ço, num cruzamento feliz de várias línguas: “A da tradição oral (que é a língua das histórias contadas), o ‘português da praça’ (sendo ‘praça’ a palavra crioula que designa ‘cidade’) e construções ou expressões de muitas outras línguas maternas muito antigas, a que se juntou o crioulo, de origem mais recente e que ajuda à comunicação entre todas as línguas” - escreve-se na contracapa.

Numa edição da Associação para a Cooperação entre os Povos (ACEP), em parceria com a organização não-governamental guineense Acção para o Desenvolvimento, este projecto só aconteceu porque “há pessoas teimo-

sas”. Palavras de Fátima Proença, da ACEP, no lançamento da obra, em Lisboa. Apresentado por Diana Andringa, que, entusiasmada com as recordações que o livro lhe trouxe - como o *toca-toca* (autocarro) ou as aulas sob as mangueiras -, sublinhou a importância das escolas populares como iniciativas de quem age e “não fica sentado a lamentar a sua sorte”. E ressaltou: “Se o português deste livro não for exactamente como o falamos aqui, não faz mal. É sinal de que a língua está viva e é rica.”

Espreite-se os títulos das histórias: *Penteado, Vendedor de Mancarra, Toca-toca, A Vida na Casa, O Casamento*

e *Sobre a Seca*. A intenção é “estender estes *ateliers* de criação-formação a outros lugares dos países de língua portuguesa, para ir criando mais laços e um pouco mais de compreensão entre todos”. Diz Corbel: “Sendo Portugal um país de descobridores, não deve ficar reduzido ao seu rectângulo pequenino.” Rita Pimenta

*Notícias do Quelele, Bairro de Bissau*  
Autores e ilustradores: alunos das escolas populares Aruna Embaló e Penha-Bôr; Coordenador: Alain Corbel; Editor: ACEP com AD  
52 págs., 9 euros  
(lojas FNAC e Almedina)